

Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 1, Introdução e História da Disciplina, Parte 1

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 1, Introdução e História da Disciplina de Arqueologia Bíblica, Parte 1.

Bem-vindos a todos. Meu nome é Jeff Hudon e estou falando com você do campus do Instituto de Arqueologia da Universidade Andrews, em Bering Springs, Michigan. Quero dar as boas-vindas a cada um de vocês para uma série de palestras sobre Arqueologia Bíblica. Aqui está um pouco sobre mim.

Eu tenho um Ph.D. aqui em Andrews em Near Eastern Archaeology, exegese do Antigo Testamento. E minha esposa e eu moramos em Israel e estudei na Jerusalem University College por dois anos e fiz mestrado lá, bem como mestrado em teologia no Fuller Theological Seminary. Tenho 17 temporadas de trabalho de campo arqueológico em meu currículo, tanto em Israel quanto na Jordânia, e é um prazer estar com vocês e apresentar-lhes esta incrível disciplina chamada Arqueologia Bíblica, que é uma ferramenta maravilhosa para usar em estudos bíblicos e exegese.

A imagem que temos aqui em nossa tela de vídeo é a imagem de uma típica escavação arqueológica. Na verdade, esta é Tel es-Safi em Israel. Tel es-Safi fica em Shephelah, ou no sopé de Israel-Palestina, entre a região montanhosa e a planície costeira.

É conhecido como Tel es-Safi. É o seu nome árabe, mas na verdade é Gate bíblico dos filisteus. E essa é a cidade natal de Golias.

Falaremos mais sobre isso enquanto falamos sobre os filisteus e alguns de seus locais. Mas, novamente, é típico porque você vê as depressões quadradas, e elas têm cinco por cinco metros quadrados, e é assim que a maioria das escavações arqueológicas são realizadas. Novamente, falaremos sobre isso quando chegarmos à metodologia.

Os sacos de areia ao redor servem apenas para evitar desmoronamentos ou erosão durante o período de entressafra. Então, com essa delonga, falaremos um pouco sobre o que é arqueologia. O que a arqueologia não é é o que vemos aqui, a famosa série de filmes hollywoodianos de Indiana Jones.

Quando conheço pessoas interessadas em arqueologia, elas imediatamente mencionam o fato de que, ah, você está em Indiana Jones. Bem, a arqueologia e os arqueólogos se divertem muito. Temos muita aventura.

Nada na escala de Hollywood, entretanto. Isto não é realista. Provavelmente 95% disso não é muito realista.

Mas apenas meus dois centavos, a primeira e a terceira parcelas de Indiana Jones são provavelmente as mais favoritas de mim e de meus colegas porque tratam, novamente, de assuntos bíblicos. Arqueologia da vida real, muito diferente, mas também divertida e muito emocionante. E vocês veem aqui dois voluntários nos dois slides da esquerda escavando e encontrando artefatos em seus quadrados, na área onde estão escavando.

E neste verão eu estava trabalhando em uma obra na Jordânia chamada Kirbitz Safar. Esperamos falar mais sobre isso mais tarde. Mas encontramos parte de uma cozinha e vários potes de armazenamento de cabeça para baixo em uso secundário.

E quando você está no chão daquela cozinha, percebe que os primeiros israelitas trabalhavam lá há cerca de 3.100 ou 3.200 anos. E coloca você em contato de uma forma muito tangível com nossos antepassados e mães bíblicos. A imagem no canto superior direito é uma coleção de vasos de cerâmica que foram encontrados em um local ou área, uma área específica que pode ser determinada na mesma época e local.

E essa é uma coleção de cerâmica do século IX aC. Agora é mais ou menos a época de Elias e Eliseu. E a imagem no canto inferior direito é, novamente, estes quadrados de cinco por cinco metros que eles acabaram de começar a escavar.

E isso faz parte do portão da cidade. Agora você vê isso e vê apenas o chão descoberto ali, mas você vê alguns escombros e talvez algumas linhas de parede embaixo. E isso, infelizmente, é típico porque, digamos, um portão de uma cidade com 2.800 anos de idade não sobrevive e é preciso escavar mais ou menos as fundações.

Agora, quero salientar isso. Tudo isso está em Tel es-Safi, Gate Bíblico. Veja a referência bíblica acima em 2 Reis.

Diz que foi nessa época que Hazael, rei da Síria, subiu e atacou Gate e a capturou. Então ele se voltou para atacar Jerusalém. Nota muito curta nas escrituras.

Quase uma, eu diria quase uma nota de rodapé. Mas durante 20 anos, a Universidade Bar-Ilan, em Israel, tem escavado Tel es-Safi, e esse versículo tornou-se muito vivo e muito real porque encontraram evidências incríveis da destruição

massiva em larga escala daquela cidade, que já foi a maior cidade na Terra Santa, maior que Jerusalém. E isso foi destruído pelos arameus sob Hazael no século IX.

Estas duas senhoras e todos os que trabalharam em Tel es-Safi estão muito familiarizados com essa destruição porque lidavam com ela quase todos os dias. E, novamente, esse conjunto de cerâmica é proveniente dessa destruição, assim como o que resta dos cursos fundacionais daquele portão. OK.

A arqueologia bíblica tem várias definições. Pessoas diferentes definem isso de maneiras diferentes. E provavelmente o mais famoso é o senhor ali no canto superior direito com óculos.

Você pode dizer que esta é uma foto antiga. O nome desse cavalheiro era WF Albright, William Foxwell Albright. E ele era realmente o Decano, provavelmente o mais famoso arqueólogo bíblico americano do século XX.

E ele usou esta definição de arqueologia bíblica. A arqueologia bíblica cobre todas as terras mencionadas na Bíblia, da Índia à Espanha. É uma enorme faixa de território lá.

E do sul da Rússia ao sul da Arábia e toda a história dessas terras desde cerca de 10.000 aC ou mesmo antes até os dias atuais. Agora, isso provavelmente foi escrito nos anos 40 ou 50, no Cristianismo da Idade da Pedra, ou em um de seus livros introdutórios. Mas resistiu ao teste do tempo.

A arqueologia hoje cobre amplamente esse bailiado, por assim dizer, ou aquele período de tempo e geografia. Agora, o meu próprio professor, um professor israelita chamado Anson Rainey, que trabalhou em arqueologia durante toda a sua carreira, tem uma visão muito mais negativa da ciência. E leremos o que ele diz: arqueologia é a ciência de cavar um buraco quadrado e a arte de tecer um fio a partir dele.

E isso gerou muitos aplausos e risadas em diversas reuniões científicas quando ele disse isso. Mas ele vê algumas das desvantagens da arqueologia, porque às vezes os arqueólogos ficam um pouco entusiasmados na sua interpretação, especialmente quando pensam que encontraram algo que pode ter lançado luz sobre as Escrituras. Portanto, Anson Rainey nos mantém com os pés no chão e não gosta que o termo arqueólogo seja usado para ele.

Ele gostava mais de enviar mensagens, mas tinha uma vasta experiência de trabalho em arqueologia. Portanto, existem dois pontos de vista interessantes e contrastantes sobre a definição de arqueologia. Uma definição melhor, talvez geral, de arqueologia bíblica está diante de nós aqui.

E eu vou ler isso. A arqueologia bíblica é uma disciplina científica que combina os assuntos de estudos bíblicos, línguas antigas, paleografia, que é o estudo de escritas, geografia histórica, novamente uma parte muito importante da arqueologia é a compreensão do terreno, topografia e toponímia, nomes de locais e perto História oriental com arqueologia de campo e suas subdisciplinas. Isso é demais.

Existem muitas subdisciplinas da arqueologia bíblica ou da arqueologia do Oriente Próximo, das quais falaremos como parte da nova arqueologia. Tudo isso é feito para descobrir correlações e compreender o cenário histórico, cultural, religioso e político e social da Bíblia. Novamente, um bocado, mas isso provavelmente resume a definição de arqueologia bíblica melhor do que a maioria.

Muitas pessoas me perguntaram ao longo dos anos, ok, como cristãos, temos a Bíblia. Por que precisamos ir à Terra Santa e desenterrar mais informações sobre ela? Nós temos a Bíblia. Isso é bom o suficiente, certo? Então, por que as universidades e seminários cristãos ainda escavam? Agora, tenho uma advertência aqui sobre aquele título que está naquele PowerPoint.

A maioria dos seminários e universidades cristãos não escava mais. E é triste dizer que a arqueologia está se tornando cada vez menos uma disciplina ensinada e praticada no campo pelas universidades cristãs. E este é, infelizmente, um comentário triste hoje enquanto falo.

Mas aqueles que fazem isso, por que fazem isso? Bem, em primeiro lugar, esforços apologéticos. Eles descaradamente, e nós aqui na Andrews, adoramos encontrar coisas que corroborem o relato bíblico quando escavamos. E encontramos coisas, encontramos artefatos e achados que corroboram o texto bíblico.

Para compreender o contexto material e cultural dos relatos bíblicos, tal como os destinatários e leitores originais das Escrituras, temos de compreender que a Bíblia não é apenas um livro. É um livro. Quando lemos a Bíblia, estamos pelo menos 2.000 anos ou mais divorciados daquela época.

O público original que leu o Novo e o Antigo Testamento entendeu muitas coisas que não sabemos no século XXI. E assim, a arqueologia nos ajuda a preencher essas lacunas. e podemos entender os costumes, a forma como as pessoas viviam e como mantinham corpo e alma juntos na antiguidade, e isso nos ajuda a entender o texto bíblico quando lemos isso.

A arqueologia nos dá isso, e por isso é muito, muito importante. Em terceiro lugar, devem ser feitas afirmações e teorias originais sobre a Bíblia e o seu contexto. Novamente, quando interpretamos as escrituras, nós as interpretamos da melhor maneira que sabemos, com todas as ferramentas que temos, mas a arqueologia nos ajudará, às vezes nos obriga, a voltar e reler as escrituras, e dizer, agora encontramos

isso, e descobrimos isso, vamos reler esse texto e ver se conseguimos entendê-lo de uma maneira diferente, e isso tem sido uma grande ajuda e ajuda para os estudiosos da Bíblia voltarem e, com informações arqueológicas, dados de campo, ser capaz de reinterpretar e compreender as escrituras de uma forma mais poderosa.

Não consigo pensar em melhor corpus de achados arqueológicos que nos tenham ajudado nesse sentido do que o esconderijo de tabuinhas encontrado em Ugarit em 1929 e seguintes, que nos ajudou a compreender o Antigo Testamento de tantas maneiras diferentes, especialmente pela compreensão do Culto cananeu, e falaremos sobre isso mais tarde também. Ok, brevemente, isso é uma espécie de sinopse do que vamos falar. Vejamos alguns exemplos específicos de arqueologia e o que foi encontrado.

A primeira foto mostra esse jovem olhando para um amplo desfiladeiro. Parece o Grand Canyon americano. Não é.

Na verdade, esse é o Wadi Mujib na Jordânia, o bíblico Arnon Gorge ou Rio Arnon. E ele está em uma antiga muralha de uma antiga fortificação ou cidade. Veja Deuteronômio 2:36 aqui de Aroer, que fica à beira do vale do Arnon.

Esse é o local de Aroer, e fica à beira do Arnon. Então, a arqueologia pode lhe dar a sensação de estar literalmente lá. E essa é a localização exata daquela citação de Deuteronômio.

O rabino judeu disse que cruzar o Arnon foi tão milagroso quanto cruzar o Mar Vermelho porque é um desfiladeiro enorme e profundo. Mas é isso, e novamente esta é uma imagem desse texto. O slide ou a imagem à direita, no canto superior direito, é uma lápide, e essa lápide foi encontrada aparentemente por alguns monges russos em Jerusalém e arredores.

Não sabemos onde. Gostaríamos muito de saber essa informação. Foi colocado na coleção da Igreja Russa no Monte das Oliveiras, e dois jovens arqueólogos judeus passaram e olharam sua coleção e encontraram isso, redescobriram isso em sua coleção no final dos anos 20, e seus nomes eram Eliezer Sukenik e Nachman Avigado.

E eles reconheceram a importância desta lápide, da qual falaremos aqui em um segundo, imediatamente e a publicaram tanto em hebraico quanto em inglês em 1931. A lápide está em aramaico, e a escrita do aramaico, a paleografia, pode datar foi por volta do primeiro século AC, primeiro século DC, então foi por volta da época de Cristo. Mas está escrito em aramaico, e vou traduzir aproximadamente, para aqui foram trazidos os ossos de Uzias, rei de Judá, e não para serem abertos.

Vejamos o que a Bíblia diz sobre o sepultamento de Uzias. Azarias, Uzias descansou com seus antepassados e foi sepultado perto deles na cidade de Davi – 1 Reis 15.7. O

que isso nos diz sobre isso? Bem, isso na verdade corrobora esse texto porque Uzias, como sabemos, tinha uma doença de pele.

E então, ele não poderia, por causa dessa impureza em seu corpo, ele não poderia ser enterrado com os reis nos túmulos reais em algum lugar na parte sul da cidade de Davi. Eles o enterraram em seu próprio túmulo. Então o que aconteceu? Bem, aparentemente, devido ao desenvolvimento na cidade de David durante a era herodiana, eles tiveram que mudar aquele túmulo.

Então, eles mudaram o túmulo para outro lugar, fizeram uma nova lápide para o rei Uzias e o enterraram em outro lugar. Aquela lápide foi novamente encontrada por um padre russo ou outra pessoa e foi parar naquela coleção. Mas, novamente, eles sabiam que era o túmulo de Uzias na época de Cristo porque provavelmente tinha uma lápide ou inscrição mais antiga que eles podiam ler.

Esse local era conhecido pelas pessoas da época. O canto inferior esquerdo aqui é o que chamamos de bola. Uma bula é um pedaço de argila que foi estampado com um selo, e esse selo deixou uma impressão no barro.

O selo, é claro, é uma impressão invertida, invertida. Esta seria a impressão correta, o produto daquele selo atingindo aquele pedaço de barro. Mas este é muito especial.

Deixe-me ler o texto aqui. Ezequias tinha grandes riquezas e honra, e fez para si tesouros. 2 Crônicas 32.

Esta é uma impressão real de selo ou bola com o carimbo de Ezequias, rei de Judá. Diz Ezequias, filho de Acaz, rei de Judá, com uma espécie de criatura alada como motivo da iconografia daquele selo. Não temos o selo real, mas temos mais de uma dessas impressões de selo, bola de argila, que provavelmente estava no fogo e foi queimada e curada naquele fogo, e sobreviveu.

O documento em papiro que selou, é claro, já se foi há muito tempo. Mas temos a impressão real do selo de Ezequias. Ezequias, rei de Judá.

Ok, a última aqui é a rua principal, ou Cardo Maximus, da cidade de Jerash, na Jordânia. Este é o Gerasa bíblico . E o que o Novo Testamento diz sobre isso? Então, Jesus disse, volte para sua casa.

Ele está falando sobre o homem que estava possuído por demônios que ele extirpou. Volte para sua casa e declare o quanto Deus fez por você. Então ele foi embora, proclamando por toda Gerasa o quanto Jesus havia feito por ele.

E isso está em Lucas. Hoje você pode caminhar pelo Cardo Maximus principal, a rua principal de Jerash ou Gerasa , e ver as ranhuras da carruagem na pedra onde as

rodas da carruagem e da carruagem se desgastavam, e visitar templos e igrejas novamente depois do primeiro século. Mas basicamente, caminhe até onde este homem testemunhou o que Jesus fez por ele.

E que alguns dos vestígios romanos mais bem preservados fora da Ásia Menor e da Itália, lá em Jerash, na Jordânia. Portanto, esses são quatro exemplos de, mais uma vez, colocar a carne nos ossos da arqueologia e ver a correlação entre as escrituras e a arqueologia. E é isso que deixa tantos de nós tão fascinados e essa é a nossa paixão, fazer esse tipo de trabalho.

O que significa arqueologia? Bem, arqueologia vem da palavra grega para antiguidade. E estamos familiarizados com o historiador judeu Flávio Josefo. E Flávio Josefo escreveu uma obra importante chamada As Antiguidades dos Judeus.

Esta é basicamente uma sinopse da história do Antigo Testamento que ele usou junto com algumas outras fontes. Mas o título original em grego era Antiguidades ou Arqueologia dos Judeus. Então, tem a ideia do estudo das antiguidades ou lendas antigas e da história antiga.

E esse é o significado básico da arqueologia. Agora, a arqueologia não é nova. É muito antigo.

E isso remonta ao período do Antigo Testamento e provavelmente até antes. Assurbanipal, que foi um rei assírio no século VII a.C., era um arqueólogo amador, pode-se argumentar, um arqueólogo amador. Ele tinha sido, é claro, o rei do Império da Assíria e tinha um poder tremendo.

E o que ele fez com esse poder foi coletar, comprar, subornar e fazer tudo o que pôde para reunir o máximo possível de antigas lendas e tabuinhas babilônicas, tabuinhas históricas. Agora pense sobre isso. São tabuinhas que datam do 2º e 3º milênio aC, talvez antes.

E mesmo na época de Assurbanipal, novamente no século 7 aC, 600 aC, 600 anos antes de Cristo, ele já coletava documentos antigos em tábuas de argila e fazia com que seus escribas reais os transcrevessem em cuneiforme assírio de boa leitura. E assim, ele colecionou ou acumulou uma enorme biblioteca lá em Nínive. E quando Nínive caiu em 612 nas mãos dos babilônios, caldeus, essa biblioteca foi destruída, mas foi redescoberta no século XIX.

E falaremos sobre Henry Austin Laird mais tarde. Mas essa biblioteca foi redescoberta e centenas, milhares dessas tabuinhas foram salvas e estão atualmente em museus, principalmente no Museu Britânico, ainda sendo decifradas, muitas delas ainda não decifradas. E entre essas tabuinhas havia cópias importantes do

Enuma Elish, épico de Gilgamesh, que tem paralelos muito próximos com os textos bíblicos do Gênesis.

Mais uma vez, Assurbanipal era um arqueólogo e, graças a ele, temos cópias da literatura mesopotâmica muito antiga. Outro arqueólogo antigo foi Nabonido. Novamente, Assurbanipal era assírio e Nabonido era neobabilônico.

Ele foi o último rei da Babilônia. Ele foi o pai de Belsazar. Pense em Daniel capítulo 5. E Nabonido, você pode ver suas datas aqui, era um arqueólogo que realmente não gostava de governar.

Ele passou a maior parte do tempo longe da Babilônia, em um oásis chamado Tema, escavando e estudando o deus da lua, Sin, uma divindade assíria. Sua mãe era assíria e ele adorava as divindades assírias em vez das divindades babilônicas, o que não o tornava querido pelo povo da Babilônia.

Mas ele coletou novamente e restaurou antigos templos e coletou antigos cassetes assírios e artefatos e antiguidades anteriores assírios e babilônicos. E ele era conhecido por isso. Ironicamente, apenas uma espécie de nota de rodapé aqui, Tema, que hoje está na Arábia Saudita, foi escavado e publicado recentemente.

E um dos escavadores desse local é um arqueólogo alemão chamado Ricardo Eichmann. Você reconhece esse sobrenome como um infame líder nazista chamado Adolf Eichmann, pai de Ricardo. E assim, felizmente, Ricardo não é como seu pai, mas hoje é um arqueólogo alemão muito proeminente.

Outra observação interessante: nos Manuscritos do Mar Morto, temos um pergaminho chamado Oração de Nabonido. E isso tem paralelos com Daniel capítulo 4, onde Nabucodonosor teve sete anos de insanidade. Aparentemente, Nabonido também passou por isso.

Ok, indo além do período bíblico e entrando no período pós-bíblico. Os primeiros arqueólogos eram, na verdade, peregrinos cristãos, peregrinos cristãos e judeus, devo dizer. Eles faziam peregrinações à Terra Santa e escreviam relatos muito extensos do que viam.

Estes são extremamente importantes para a investigação actual porque os seus olhos e descrições capturam muitos monumentos, muitos edifícios e muitos locais que já não existem. Uma das primeiras e principais delas foi a mãe do imperador Constantino, o primeiro imperador romano cristão. A mãe dele era bem velha, mas ela viajou, foi para a Terra Santa e deu uma volta.

Seu principal objetivo era encontrar os principais locais relacionados à história bíblica, principalmente à vida de Cristo. E então ela foi a Jerusalém, naquela época

Aelia Capitolina, e ela disse, número um, onde Jesus foi crucificado? E número dois, onde ele foi enterrado? É muito interessante porque os primeiros cristãos de Aelia Capitolina que viviam lá apontaram para um templo romano dentro dos muros da cidade e disseram: remova esse templo romano e, embaixo dele, você encontrará o Gólgota. Você encontrará o túmulo de José de Arimatéia.

Ela fez exatamente isso. Ela era a mãe do imperador; Preciso dizer mais? E eles encontraram um complexo de tumbas do primeiro século e depois encontraram um pedaço de calcário ruim que sobrou das operações de extração.

E essas se tornaram basicamente a parte da Igreja do Santo Sepulcro, que ela estabeleceu, que cobre tanto o Gólgota quanto o túmulo. Ela também foi a Belém e perguntou: onde Jesus nasceu? E havia um local de culto lá e eles o removeram e encontraram uma gruta, uma caverna, e Jesus não nasceu realmente em um estábulo, mais provavelmente em uma caverna de calcário. E aquela gruta tornou-se o ponto central da Igreja da Natividade, que ela ali estabeleceu.

Igreja da Ascensão no Monte das Oliveiras, a mesma coisa. Ela foi e estabeleceu uma capela aos pés do Monte Sinai, Jebel Musa, supostamente o local da sarça ardente onde Moisés recebeu instruções de Deus. Então, ela foi e estabeleceu esses lugares.

E você poderia argumentar que o Monte Sinai pode não ser o lugar, mas os outros são muito provavelmente os lugares reais onde esses eventos bíblicos ocorreram. E devido à sua diligência e ao facto de, mais uma vez, terem passado 300 anos após o facto, mas ainda muito mais perto dos acontecimentos do que nós, o trabalho que ela fez e o estabelecimento de igrejas, capelas e mosteiros nestes locais, muito, muito importante para pesquisas posteriores. Alguns outros peregrinos notáveis foram o Peregrino de Bordéus.

E, novamente, a maioria dos peregrinos não foi educada. Eles não eram pessoas curiosas, que faziam perguntas e escreviam descrições, mas alguns o faziam. E alguns eram alfabetizados e nos deram informações muito, muito valiosas.

O Peregrino de Bordéus fez um. E a Peregrinação de Egéria, mais uma vez, ela passou muitos anos na Terra Santa, três anos em Jerusalém, e deu descrições muito, muito boas destes locais antigos, e fez perguntas, fez as perguntas certas. Um rabino judeu, Benjamin de Tudela, na Espanha, escreveu novamente uma excelente descrição de sua viagem à Terra Santa.

E, felizmente, estão disponíveis em inglês, traduzidos. As Viagens de Egeria, novamente de John Wilkinson, foi lançado na década de 1970. E são uma leitura muito boa, especialmente se você estiver familiarizado com a topografia da Terra Santa, porque você pode capturar em sua descrição muitas coisas que não existem mais.

OK. Muitas pessoas acreditam que a arqueologia começou com a invasão do Egito pelo Grande Exército da França comandado por Napoleão Bonaparte em 1798. Napoleão invadiu o Egito e trouxe consigo um enorme grupo de estudiosos e sábios em sua comitiva.

Eles vasculharam o Egito, invadiram todos os monumentos egípcios e tentaram levar de volta o máximo que puderam para o Louvre para que pudessem ter algumas relíquias do antigo Egito. Alguns de seus soldados estavam em uma pequena cidade chamada Rosetta e descobriram ou encontraram esta pedra negra. Esta pedra negra é extremamente importante para os egiptólogos porque desvendou uma linguagem que os estudiosos não conseguiam decifrar até então, e que são os hieróglifos e pictogramas com os quais estamos tão familiarizados no antigo Egito.

Fotos e fotos e filmes. Agora, os hieróglifos estão por todo o Egito. Eles escreveram em colunas.

Eles escreveram em todo tipo de superfície. E eu acabei de voltar do Egito no mês passado e você vê isso em todos os lugares. Agora, até o século 19, isso era algo que ninguém conseguia ler.

Não fazia sentido. Mas a Pedra de Roseta desbloqueou hieróglifos porque era uma inscrição trilingue. Os hieróglifos estão no topo.

O registro central era Demotic, que era uma abreviação egípcia. O registro inferior, e isso era fundamental, era o grego koiné . E assim, um grupo de estudiosos, principalmente Jean Champignon, um linguista absolutamente brilhante que conhecia dezenas de línguas, antigas e modernas, trabalhou nisso durante décadas e descobriu e foi capaz de desbloquear hieróglifos e traduzi-los.

A propósito, tudo começou com uma série dos chamados cartuchos, que é uma palavra francesa para charuto. Era uma espécie de linha oval em torno de um texto. E ele presumiu que essa era uma palavra para Ptolomeu, novamente um rei, falecido faraó do Egito, e ele estava certo.

Ele começou a partir disso e começou a montar isso. É uma história fascinante, e a Pedra de Roseta ainda hoje é uma das maiores descobertas para a egiptologia porque podemos ler todos esses pictogramas graças ao trabalho de Champignon e outros. Também temos que entender que até o século XIX não existia fotografia.

Assim, os visitantes da Terra Santa poderiam descrever o que viram ou desenhar. E provavelmente o mais famoso deles foi um escocês chamado David Roberts. E David Roberts visitou a Terra Santa e o Egito.

Você pode ver as datas lá, de 1838 a 1840, e ele fez uma série de pinturas de muitos, muitos locais que visitou. E essas pinturas eram muito populares na Europa. E mencionei aqui que o primeiro assinante de sua série de pinturas foi ninguém menos que a Rainha Vitória.

Essa é uma recomendação muito grande. Mas David Roberts fez algumas pinturas muito bonitas de cenas diferentes. Este, claro, é o Templo de Karnak, no Egito.

Você ainda pode ver tinta nesses pilares hoje, só resta um pouquinho talvez nas laterais inferiores da coluna, nas cabeceiras das colunas ali. Esta é uma pintura de Roberts depois que ele voltou para casa, vestido com o traje que usava no Oriente Próximo. O chamado tesouro ou Petra, como apareceu quando ele visitou.

E depois, claro, uma vista do que acabaria por ser Tel Aviv, voltada para Jaffa, no curso do Mar Mediterrâneo. O que está em baixo aqui é novamente uma Petra, é um cervo ou o mosteiro, novamente outro túmulo monumental. Tanto o tesouro quanto o mosteiro são, na verdade, tumbas monumentais de nabateus proeminentes.

O problema com David Roberts é que ele foi bastante preciso no que diz respeito ao tema real de sua pintura, como essas colunas em Karnak, o mosteiro e o tesouro. O que ele falhou muitas vezes foi o pano de fundo. Ele tornou o que realmente estava lá em algo fantasioso e não realista.

Isso é bastante próximo. Isto parece um vale aqui. Na verdade, este é um desfiladeiro profundo e acidentado aqui.

Acho que alguns dos restos mortais ao redor das areias de Tel Aviv provavelmente poderiam ter sido acrescentados. Mas a imagem real de Jaffa ali, a representação de Jaffa, é provavelmente bastante precisa. Então, Roberts, novamente, fez um trabalho maravilhoso e abriu nossos olhos de uma forma visual para a aparência da Terra Santa, mas não muito preciso em todas as suas representações.

Agora, ainda no século XIX, a Terra Santa era uma espécie de território desconhecido. Foi como ir à lua. Mas a Terra Santa era muito fashion naquela época, e eles tinham festas, a alta sociedade, e as elites faziam festas tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos vestidas com trajes orientais, diríamos, orientais naquela época e faziam essas festas.

E então, eles iam ver essas fotos ou pinturas e, mais tarde, fotos de como era a Terra Santa. Mas visitar a Terra Santa é uma questão totalmente diferente. Por que? Por estarmos no século XIX, a Terra Santa era como o Velho Oeste.

O Império Turco Otomano governou-o. Usei o termo entre aspas. Foi muito perigoso.

Havia bandidos armados e tribos beduínas circulando por aí, e era preciso passar basicamente por um guarda armado. Muitas vezes você adoecia com disenteria e outras doenças em peregrinos e exploradores, e muitos deles morriam. Veremos alguns deles em um minuto devido a doenças na Terra Santa.

E foi, foi, você colocou sua vida nas mãos, e foi um empreendimento muito caro. Portanto, compará-lo com ir à Lua não é tão absurdo. Mas as pessoas ainda ansiavam por vistas da Terra Santa, pela sua aparência, e por caminhar por onde caminharam os seus antepassados bíblicos.

E era muito, muito popular ir a essas festas e ver pinturas de David Roberts e dos primeiros fotógrafos. Alguns dos primeiros exploradores mais importantes do século XIX foram, em primeiro lugar, o explorador suíço Johann Ludwig Burckhardt. E este era um senhor que aprendia árabe e falava como um nativo, vestido como um xeque árabe e assim se disfarçando.

E por esse meio ele foi capaz de viajar livremente pela Terra Santa, diríamos o Levante, Síria, Jordânia e Palestina, Israel, e sem atrair atenção. Ele não parecia um ocidental, em outras palavras. E foi Burckhardt, o mais famoso, quem conseguiu entrar em Petra.

Petra, novamente, é aquela nabateia, uma grande cidade nabateia no sul da Jordânia, nas montanhas de Edom, que tem fachadas de tumbas incrivelmente incríveis e lindas pedras. E foi uma cidade perdida durante séculos. E Burckhardt queria visitar Petra.

Ele fez uma peregrinação a Jebel Harun, o bíblico Monte Hor, para visitar o túmulo de Aarão, que ficava no lado oeste de Petra. Ele conseguiu entrar, com guias beduínos, e aparentemente foi, presumimos, o primeiro ocidental a ver Petra em provavelmente 800 anos, o que é incrível. É claro que depois disso o turismo daquele lado incrível e surreal de Petra só aumentou, e milhões de pessoas o visitaram desde então.

Mas ele foi o primeiro e fez uma descrição disso em seus diários. Infelizmente, ele estava visitando o Egito, teve disenteria e morreu. Mas seus diários estavam sendo enviados de volta à Inglaterra e publicados como livro e amplamente lidos no século XIX.

Chegamos agora a alguns exploradores americanos muito importantes. Edward Robinson e Eli Smith. Edward Robinson foi professor no Union Theological Seminary em Nova York.

Ele foi aluno de Gesenius, o estudioso do hebraico, o estudioso do hebraico alemão, e realmente traduziu seu léxico para o inglês. Mas Edward Robinson visitou a Terra

Santa pelo menos duas vezes e passou muitas, muitas e incontáveis horas tentando conectar locais bíblicos com locais bíblicos, com os locais na topografia de sua época. Agora com ele, ele levou um missionário americano chamado Eli Smith.

Eli Smith era fluente em árabe. Ele era um linguista. Claro, Robinson era bom, muito bom em hebraico e em línguas antigas.

Juntos e com a ajuda dos árabes locais, eles conseguiram identificar dezenas de locais bíblicos, não pela descrição do local ou pela localização geral, mas pelo nome em árabe. Isto é muito importante. Este é um estudo de toponímia, nomes de lugares.

E é difícil para nós acreditar hoje que existam coisas como toponímia. Mas os nomes antigos são frequentemente preservados até hoje pelos árabes na Terra Santa. E durante vários anos trabalhei num local chamado Tel Heshban, na Jordânia.

Esse é um nome árabe que preserva o local da Hesbom bíblica. Você pode reconhecer a semelhança nas letras ou nos sons. Por muitos séculos, Hesbom foi Decápolis, que era uma pequena cidade romana e grega, e mais tarde bizantina.

Depois que os bizantinos foram expulsos pelos muçulmanos no século 7 dC, aquela cidade voltou ao seu nome semita. E outro exemplo disso é Beit Shan, uma famosa cidade do Antigo Testamento em Israel. Beit Shan, durante mil anos, foi uma cidade de Decápolis chamada

E assim permaneceu novamente até que os muçulmanos assumiram o controle no século 7 dC e reverteram para Beit Shan. Então, você tem essas tradições linguísticas dos habitantes locais que falavam línguas semíticas que são mantidas durante o domínio imperial estrangeiro pelas várias potências. E assim, Robinson e Smith conseguiram, ao capturar esses nomes, e às vezes eles foram corrompidos, e às vezes eles mudaram por vários motivos.

Veremos um em particular neste curso. Eles foram capazes de decifrar, reconhecer e localizar muitos locais bíblicos. Então, o trabalho deles foi extremamente importante.

E como você pode ver aqui, o grande historiador alemão do Antigo Testamento, Albert Alt, faz esta citação, e as notas de rodapé de Robinson enterram os erros de gerações. E ele resolveu todos os problemas, mas resolveu muitos deles. E estes foram publicados em três volumes muito grossos publicados na década de 1850 ou 40, creio eu, Geografia Histórica da Palestina.

Muitos exploradores novamente no século 19, só quero destacar alguns aqui. E isto é novamente de especial interesse para os americanos porque a Marinha dos EUA

esteve na Terra Santa no século XIX. O que a Marinha dos EUA está fazendo lá? Aparentemente, eles foram encarregados de mapear o Rio Jordão e o Mar Morto.

E assim, William Lynch, capitão da Marinha dos EUA, veio com seus homens, seus marinheiros do USS Supply, nome do navio, atracou em Haifa ou na planície de Akko e rebocou alguns barcos, barcos desmontáveis, através do Vale de Jezreel, o vale Harod, até o rio Jordão. E ele e seus homens navegaram pelo rio Jordão e mapearam isso e mapearam o Mar Morto. Inacreditável.

Na verdade, isso foi publicado como um livro, Narrativa da Expedição dos Estados Unidos ao Rio Jordão e ao Mar Morto em 1849. E Lynch voltou e era sulista e serviu na Marinha Confederada na Guerra Civil, morreu no ano em que a guerra terminou. Mas esse livro, acredite ou não, passou por muitas edições e acho que ainda está sendo impresso hoje.

E, novamente, é uma pesquisa muito importante. Fizeram sondagens e conseguiram identificar as profundidades e elevações de vários pontos do rio Jordão e do Mar Morto. Ok, isso é algo que realmente temos em nosso museu aqui na Universidade Andrews, o Museu Horn, mas a Estela Moabita ou Mesa.

E se alguma vez houve algum tipo de relato do tipo Indiana Jones que os arqueólogos bíblicos têm, foi a descoberta e os eventos em torno deste monumento de basalto negro que foram encontrados. Havia um cara chamado, ele era na verdade um missionário suíço, Frederick Klein, que estava viajando pela Jordânia, Transjordânia, e acampou com um grupo de beduínos em um local chamado Tal Diban. Novamente, preservando esse nome, Diban, que é uma antiga cidade moabita na Transjordânia.

E os aldeões de lá, os beduínos, apontaram uma estela lindamente esculpida e lindamente formada caída no chão. Frederick Klein foi até lá e viu uma escrita antiga na estela e imediatamente soube que isso era muito, muito importante. E então ele anotou, copiou um pouco do texto desta, desta estela, e voltou para Jerusalém.

Então ele cometeu um grande erro. Ele abriu a boca e compartilhou suas descobertas com os britânicos, com os franceses, com os alemães, apenas compartilhou, compartilhou com todos o quão animado ele estava por encontrar esta, esta inscrição. Bem, se você se colocar em Jerusalém na década de 1860, novamente, o Império Otomano estava no controle, minimamente, mas todos os países europeus queriam uma participação na Terra Santa.

E então, todos eles tinham consulados lá e queriam ter mais controle acionário na Terra Santa, a Terra Santa. E então, todos eles queriam isso, e todos tinham exploradores e estudiosos lá. Então, os britânicos queriam; os franceses queriam e os alemães queriam.

De repente, o beduíno de Duban fez com que todas aquelas pessoas passassem por ali, olhando para ele e querendo, oferecendo dinheiro por ele. E os beduínos coçavam a cabeça, perguntando-se por que todos aqueles ocidentais estavam interessados nesta pedra negra. Ah, deve haver ouro dentro. E então, eles acenderam uma grande fogueira, aqueceram esta pedra, que provavelmente tem cerca de um metro e meio de altura e é um monumento de basalto muito, muito grosso.

E então jogaram água fria sobre ele e ele quebrou. E assim, cada uma das famílias pegou pedaços dela, enterrou em suas tendas, sem ouro, claro, e a inscrição foi destruída. Bem, há um final um tanto bom para esse relato.

Agora existem várias versões desta conta. O fundador deste instituto, o Museu Horn, Siegfried Horn, escreveu alguns artigos sobre ele. Outros também o fizeram.

Bem, um muito recentemente. Mas houve outro estudioso que veio olhar para a pedra quando ela estava intacta e felizmente ele apertou a pedra. O que ele fez foi colocar papel sobre a superfície, molhar o papel, e isso causou uma impressão, a própria inscrição deixou uma impressão no papel.

E quando ele estava esperando que isso secasse, seus olhos olharam para cima e ele viu um grupo de membros da tribo beduína em cavalos e camelos cavalgando muito rápido em sua direção à distância. Ele ficou imediatamente muito, muito assustado e sentiu que sua vida estava em perigo, rasgou o papel da estela em três pedaços, enfiou-o no alforje, montou no cavalo e saiu dali. Felizmente, entre os fragmentos, conseguimos cerca de dois terços dos fragmentos desta estela, e os estudiosos conseguiram obtê-los.

E entre isso e o aperto, eles reconstruíram o texto com muita confiança. E então aquela estela reconstruída está hoje no Louvre. Charles Clermont-Ganon, conselheiro francês em Jerusalém e arqueólogo e linguista por mérito próprio, coletou a maior parte dessas peças de vários povos e grupos e de beduínos e novamente reconstruiu o texto.

Agora, este texto é extremamente importante, como você sabe. É o primeiro texto românico do período do Antigo Testamento que temos, um texto monumental. Este é novamente um texto imperial, ou você poderia dizer, um texto real do reino moabita.

É datado de cerca de 840 aC, novamente no século IX, e foi escrito como uma peça de propaganda pelo rei moabita Mesa. Então às vezes é chamada de Estela Moabita, às vezes de Estela de Mesa. Mas ainda hoje está sendo estudado, reescrito e editado.

Supõe-se que um estudioso francês escreva a edição final e abrangente desta obra muito importante ou desta inscrição muito importante, e isso ainda não apareceu, mas espero que apareça. Mas é incrível como, novamente, isso acontece constantemente, constantemente, todos os anos você vê artigos e artigos escritos nesta estela. Agora, o que isso diz? Toda essa conversa sobre o que é, o que diz? Bem, é novamente um relato de propaganda dos moabitas, Rei Mesa, de uma guerra entre ele e Israel.

Se você se projetar no século IX, a dinastia Omride sob Omri, Acabe e seus sucessores entrou em colapso. Houve um golpe, que é bem descrito no Antigo Testamento por Jeú, e ele derrubou os Omrides e os exterminou. Mas Jeú era um rei fraco, e as repercussões desse golpe foram sentidas nas possessões de Israel na Transjordânia, Moabe e Medina.

E então, Mesha pensou que era hora de se revoltar, e ele o fez. E ele conquistou grande parte da Transjordânia, pelo menos até Madaba, e expulsou ou matou os israelitas que viviam lá na Jordânia. E assim trabalhamos, como arqueólogo, eu faço meu trabalho na Jordânia aqui na Universidade Andrews, e lidamos com Mesha o tempo todo porque ele dá uma lista com a descrição de algumas das cidades que ele destruiu e reconstruiu.

E quando atingimos os níveis do século IX, temos que fazer as nossas perguntas: Mesa e os Moabitas estiveram aqui? E esta estela, constantemente nos referimos a isso porque é uma versão moabita de 2 Reis capítulo 5, que é um relato bíblico desta mesma guerra. Eles complementam-se de várias maneiras, mas são monumentos muito, muito importantes e uma visão muito importante sobre a visão geopolítica do século IX a partir deste monumento. Gostaríamos de poder encontrar mais, e falaremos sobre isso mais tarde, quando falarmos sobre inscrições.

Este é um texto da estela Mesha. Não vou perder tempo lendo. Está disponível em muitos lugares online e em vários livros.

Mas você pode ver que as seções destacadas são importantes. Ele era moabita. Ele era um dabanita .

Ele morava em Dhiban e fala sobre Omri. Novamente, você tem nomes de reis de Israel mencionados aqui, bem como de cidades israelitas na Transjordânia. Achamos que uma dessas cidades mencionadas é Bazar, que também é mencionada no Antigo Testamento como uma cidade de refúgio e uma cidade levítica.

Acreditamos estar escavando Bazar em Tel Jalul , um local chamado Tel Jalul na Jordânia. E, novamente, é muito, muito importante que qualquer pessoa que trabalhe na Jordânia esteja familiarizada com este texto muito importante. Outro texto, como a Pedra de Roseta, ajudou os estudiosos a decifrar o cuneiforme.

Esta é a escrita dos assírios, babilônios, persas e, antes deles, dos sumérios. E o que é chamado de inscrição Behistun no oeste do Irã é uma inscrição trilingue esculpida na face de um penhasco. E um britânico chamado Sir Henry Rawlison, e novamente ele foi nomeado cavaleiro por seu trabalho, copiou aquela inscrição com grande risco.

Ele teve que se enforçar na face do penhasco, trabalhando em andaimes ou em cordas, e copiar cuidadosamente esta inscrição trilingue. E a partir disso, e do seu conhecimento linguístico, ele foi capaz de decifrar a escrita cuneiforme. Um grande feito, assim como Champollion com hieróglifos.

Mas isso foi então, e de repente, todas essas tabuinhas que seriam encontradas em algumas décadas vindas de Nínive e Nimrud e de outros locais na Mesopotâmia, pudemos começar a decifrar e ler. Uma conquista muito, muito importante aí. Já o mencionei antes, Sir Henry, ou Austin Henry Laird, não era arqueólogo, mas era advogado e diplomata.

E ele conversou com as autoridades otomanas em Istambul e obteve permissão para escavar Nínive e Nimrud, duas grandes cidades assírias, e escreveu uma obra famosa chamada Nínive e seus restos mortais. E isso, novamente, provavelmente ainda está impresso depois de todos esses muitos, muitos ou séculos, na verdade. E foi ele quem descobriu esta grande biblioteca que Assurbanipal, aquele rei assírio que colecionou todas as primeiras tabuinhas da Babilônia, Laird encontrou aquela biblioteca e enviou a maioria delas de volta para a Inglaterra.

Agora, algumas das coisas, ocasionalmente, ele colocava os achados em barcaças como esta Lamassu aqui e os colocava em barcaças, levava-os rio abaixo, e depois os colocava em navios e os levava de volta para a Inglaterra. E de vez em quando, uma dessas barcaças afundava. Mas, felizmente, Laird copiava e desenhava, fazia bons desenhos do que encontrava antes de enviá-los.

E temos alguns relevos assírios, relevos muito importantes, que não temos mais o relevo real, mas temos o desenho dele, e isso é muito, muito útil. Então ele, e novamente, ele estava enviando despachos e escrevendo esses livros. E isso era muito popular, você pode ver o Lamassu subindo até o Museu Britânico ali, aquele desenho ali no topo.

Extremamente popular por ser assim, ele estava encontrando evidências de nomes de reis assírios que se pensava estarem apenas na Bíblia. E alguns, é claro, questionaram a historicidade disso. E ele estava provando isso repetidas vezes com sua descoberta.

Época muito, muito importante na arqueologia bíblica, muito, muito cedo na história da disciplina. Mas você tem que olhar para o momento aqui. E isto, na Alemanha,

nos anos 1849, 1850, 60 em diante, o desenvolvimento da hipótese documental e o questionamento, a chamada alta crítica, o questionamento da história bíblica, a arqueologia estava mostrando um quadro completamente diferente.

E encorajo os nossos telespectadores, há um artigo excelente sobre Julius Welhausen , que foi, ele foi o tipo de forma final, ele desenvolveu a forma final da hipótese documental. Ele nem sequer consideraria nenhuma dessas descobertas na Assíria. Ele ignorou.

E há um artigo chamado Welhausen in Assyriology, esqueci o nome exato, mas um artigo muito, muito importante mostrando sua repulsa por nem mesmo querer lidar com essas descobertas porque, novamente, ia contra sua teoria de muitos, muitos fontes para o Pentateuco e, depois disso, todo o Antigo Testamento. Laird tinha ajudantes. Um era um iraquiano local, Hormuzud Rassam, e outro era um de seus colegas ingleses, George Smith.

E ambos deram contribuições muito, muito importantes. Rassam continuou as escavações de Laird após a partida de Laird. George Smith estava na verdade varrendo o chão do Museu Britânico e, por mais inacreditável que pareça, aprendeu sozinho o cuneiforme, aprendeu sozinho o antigo assírio babilônico.

Ele foi capaz de publicar algumas dessas tabuinhas importantes que Austen Henry Layard obteve, incluindo a Epopéia de Gilgamesh e o relato do dilúvio na Babilônia, e faltava parte delas. Na verdade, ele foi ao Iraque com outro grupo de estudiosos e encontrou as tabuinhas desaparecidas. Infelizmente, ele também morreu de disenteria por causa das condições horríveis ali existentes, mas morreu muito jovem, aos 36 anos, mas era um estudioso brilhante, em sua maior parte autodidata.

Voltando da Mesopotâmia e do Egito para o Levante, e quando digo Levante, estou a falar basicamente da Síria, do Líbano, da Jordânia e de Israel-Palestina. Esse é o termo que os franceses usaram para descrever o Mediterrâneo, o termo francês para a costa do Mediterrâneo Oriental, e esse é um termo que a maioria dos arqueólogos usa, o Levante Meridional. E voltamo-nos para Jerusalém, e Jerusalém tem uma história longa e rica em exploração arqueológica, como podem imaginar, por causa do que é.

E realmente, as primeiras escavações sistemáticas foram feitas por uma francesa, Louise de Saulcy ; você pode ver suas datas lá, e havia um complexo de tumbas ao norte da cidade velha. É hoje a área moderna de Sheikh Jarrah, um bairro árabe, e ele acreditou e publicou-a como o túmulo dos reis. E eu paro e paro aqui por um minuto, porque todo arqueólogo que trabalha em Jerusalém, eu poderia dizer, quase todo mundo, provavelmente todo mundo, tem em mente a esperança, o anseio, de talvez descobrir os lendários túmulos do rei Davi e de seu sucessores.

E de Saulcy pensou ao ler Josefo que, porque Josefo fala sobre a linha da terceira parede passando pelos túmulos reais. A palavra grega usada ali é antitripulação, próximo. E então, de Saulcy pensou ter encontrado os túmulos reais.

Estes eram certamente reais, em arquitetura e tamanho monumentais. Você pode ver a planta aqui, novamente, toda subterrânea, esculpida na rocha. O que ele realmente encontrou foi o túmulo da rainha Helena de Adiabene, que era uma precoce, ela foi uma das primeiras convertidas ao judaísmo, mudou-se para Jerusalém e morreu lá no primeiro século DC.

Então, isso é muito contemporâneo apenas com os eventos logo após a ressurreição e a igreja primitiva. Ela é descrita e mencionada em Josefo e isso foi descoberto mais tarde, mas ele a identificou incorretamente, mas guardou os artefatos. Eles estavam em exibição na França e mais tarde datados corretamente e atribuídos não aos reis de Judá ou Israel, mas a esta Rainha Helena, não à mãe da Rainha Helena de Constantino, mas a outra que viveu um casal, 200 anos antes ou mais.

Então, essa foi a primeira tentativa de escavar em Jerusalém feita por ele. Agora, novamente, com o aumento da popularidade na arqueologia bíblica e na Terra Santa em particular, houve um grupo de sociedades científicas que foram estabelecidas, que foram estabelecidas na Europa. E um dos primeiros, se não o primeiro, foi o Fundo de Exploração da Palestina.

E diz a lenda, disseram-me isto, que uma senhora britânica muito rica visitou Jerusalém e estava com sede, queria um copo de água, e deram-lhe um copo de água lamacenta e turva. E ela olhou para aquilo e disse, certamente nosso Senhor não bebeu água tão, tão ruim. Ela reservou fundos para estudar o abastecimento de água da antiga Jerusalém.

Como os antigos habitantes de Jerusalém obtinham água? E esse fundo que ela estabeleceu tornou-se a gênese do Fundo de Exploração da Palestina em 1865. E ainda existe. Ainda mantém escritórios em Londres.

Eles ainda estão ativos. E eles têm um jornal muito conhecido, provavelmente o primeiro jornal arqueológico, chamado, bem, agora chama-se Palestine Exploration Quarterly. Naquela época, chamava-se Declaração Trimestral do Fundo de Exploração da Palestina.

E o que aconteceu foi que um grupo de britânicos, vários engenheiros reais britânicos do exército britânico foram para Jerusalém e começaram a estudar e fazer desenhos arquitetônicos de todos os vestígios antigos dentro e ao redor de Jerusalém. E este é um dos melhores trabalhos já feitos. O primeiro foi Charles Wilson, seguido por Charles Warren.

E eles responderam muitas perguntas sobre a antiga Jerusalém. E o seu trabalho publicado continua a ser extremamente valioso hoje porque alguns dos lugares que exploraram, mapearam e desenharam já não conseguem chegar, já não têm acesso. Charles Warren, uma espécie de nota de rodapé interessante sobre a sua vida, depois de ter servido como engenheiro real e feito um trabalho maravilhoso em Jerusalém, regressou e tornou-se, penso eu, o chefe da polícia em Londres.

E ele foi o homem que tentou capturar o notório Jack, o Estripador, mas usou fotografia, fotografia de cena de crime, aquele caso, aquele caso horrível disso, aqueles assassinatos daquelas mulheres no bairro de Whitechapel, em Londres. Warren usou técnicas muito, muito, muito modernas para tentar capturar esse cara notório que cometeu esses crimes horríveis. E nisso ele não teve sucesso, mas usou muitas técnicas inovadoras de combate ao crime e as introduziu, incluindo, novamente, a fotografia da cena do crime.

Então, na verdade temos fotos desses crimes. Mas, sim, tanto Wilson quanto Warren foram excelentes e trabalharam sob dificuldades incríveis em Jerusalém para tentar decifrar e determinar como era a antiga Jerusalém. As paredes, onde estavam as paredes, e alguns dos edifícios.

E muito, muito importante. Não posso dizer o suficiente sobre esses dois pioneiros. Agora, a partir daquela pesquisa de Jerusalém e, e por Wilson e Warren e a pesquisa do abastecimento de água para Jerusalém, que na verdade começou em três piscinas, piscinas escavadas na rocha, chamadas ao sul de Belém, erroneamente chamadas de piscinas de Salomão.

Provavelmente eram hasmoneus , e então Herodes, os herodianos, os ampliaram. E daí, daquelas piscinas surgiu um aqueduto com muito vento, às vezes aberto ao tempo, às vezes em blocos de pedras, encaixados, formando um, um cano, até o, até o, Monte do Templo. E isso foi, novamente, um feito de engenharia incrível dos antigos, e aqueles foram usados até o período otomano e mapeados por Warren e Wilson e seus trabalhadores.

Agora, daí surgiu o levantamento da Palestina Ocidental. E isso foi, novamente, realizado pelos engenheiros reais. Dois homens em particular, Claude Reynier Condor e HH Kitchener, estavam encarregados disso.

E isso foi, eu acho, na escala de uma polegada, uma polegada equivale a uma milha. E mapearam toda a Palestina Ocidental até ao Rio Jordão, ao Vale do Jordão e ao Mar Morto. Tudo a oeste disso foi mapeado.

Todos os sites tinham nomes copiados por meio de entrevistas com árabes locais. Novamente, é uma obra monumental. Você pode ver oito volumes e muito bem feitos.

E ainda assim, acho que eles reimprimiram isso. São milhares de dólares, mas você pode comprar os oito volumes hoje em formato de reimpressão. Mas soberbo.

E, novamente, ainda em uso por estudiosos hoje por causa de, até mesmo alguns nomes de sites foram esquecidos desde então. Muito, muito importante. Agora eles não acertaram tudo.

Existe um tipo de antídoto cômico sobre Condor e Kitchener. E isto é, eles estavam procurando o local de Megido, o famoso local do Armagedom bíblico. E eles estavam neste grande monte chamado Tel el-Mutessellim .

E eles estavam olhando em volta, onde no mundo está Megido? E eles estavam olhando ao redor do Vale de Jezreel deste belo local, um local muito proeminente. E eles finalmente, eu acho, determinaram Mujedah ou algo assim, um nome no lado leste do vale. O que eles estavam pisando era na verdade o Megido bíblico.

E o que eles pensavam ser apenas um bom lugar para observar a paisagem era na verdade o que procuravam, mesmo debaixo dos seus pés, ou pelo menos foi o que me disseram. Mas essa é uma das histórias sobre o levantamento da Palestina Ocidental. A pessoa muito famosa a quem recorreremos aqui é Sir William Flinders Petrie.

E Petrie era um egiptólogo, um egiptólogo brilhante, e ele seria o primeiro a dizer que era um egiptólogo brilhante e apenas um escritor prolífico. Na verdade, um dia ele foi entrevistado por uma mulher, e a mulher disse: Sir William Flinders Petrie, eu adoraria ler . Vou ter que ler todos os seus livros. E ele respondeu sem piscar. Não há como você ler todos os meus livros.

Você não tem tempo suficiente para lê-los. É que há tantos que você nunca conseguiria passar por todos eles. E ele fez.

Ele foi simplesmente prolífico. Todos os anos ele publicava relatórios, escritos e livros. Mas ele era, ele era brilhante.

E embora ele tenha trabalhado no Egito durante a maior parte de sua carreira, ele veio para a Palestina na década de 1920 e fez alguns locais lá. Mas o primeiro local que ele fez foi na verdade um local chamado Tell el -Hessi, e foi lançado em 1891. E ele surgiu em nome do PEQ, ou PEF, Fundo de Exploração da Palestina, e conseguiu patrocínio para desenterrar este local. em direção à planície costeira no sul da Palestina.

E bem ao longo deste monte, que chamamos de Tell, e falaremos sobre o que é Tell mais a fundo depois, ele notou que havia um wadi do riacho que havia cortado parte

desse monte. E ele olhou para este monte e pôde ver diferentes camadas, como um bolo em camadas. E nessas camadas que haviam sido cortadas do curso do rio, do curso da corrente, ele conseguiu retirar cerâmica que reconheceu do Egito, e pôde datar.

E a cerâmica no fundo era mais antiga do que a cerâmica que ele olhou, em Strata mais acima. E ele percebeu que uma espécie de lâmpada se apagou, Eureka, que aquele monte não era apenas um monte de, de, de, apenas um lixão ou algo assim. Era uma cidade real.

Mais do que isso, era um monte de cidade sobreposta a cidade sobreposta a cidade. E então, Petrie percebeu naquele momento que todos esses montes que as pessoas viam por toda a Palestina não eram, na verdade, depósitos de lixo ou algo assim. Elas eram as cidades reais.

A princípio, eles não conseguiram imaginar que as cidades seriam construídas sobre cidades, mas foi exatamente o que aconteceu. E assim, seu aluno, Frederick Bliss, um arqueólogo americano, escreveu um livro, seguindo Petrie em Tell El-Hessi, chamado *A Mound of Many Cities*. E assim, a estratigrafia, a exploração estratigráfica desses contos ou ruínas, um monte em ruínas, começou com Petrie e seus seguidores.

Não significa que fizeram um excelente trabalho de campo, mas entenderam o que eram, mais ou menos o que estavam cavando. Petrie morreu em 1941 em Jerusalém, muito velho. Muitas, muitas histórias sobre Petrie, mas como eu disse, ele não era um homem humilde.

E ele, quero dizer, tinha motivos para estar muito orgulhoso de si mesmo, mas doou seu cérebro para a ciência. Ele pensou que isso seria útil, que as pessoas pudessem estudar seu cérebro e ver como ele era uma pessoa inteligente. Assim, seu corpo foi enterrado no Monte Sião, em Jerusalém, no cemitério protestante.

Seu cérebro ou cabeça voltou, foi encaixotado, voltou para a Inglaterra e foi imediatamente perdido. E foi, permaneceu perdido por muitos anos até a década de 1980. E alguém do Museu Britânico ou da Universidade de Londres, não sei onde foi encontrado, descobriu uma caixa, e aqui, em formaldeído, estava a cabeça de Petrie.

Bem, eles não sabiam quem era. Você sabe, aparentemente, não havia documentação com isso, mas vejam só, naquela mesma área do museu ou da universidade - não, não me lembro do meio ou das circunstâncias - Shimon Gibson, um arqueólogo, um arqueólogo bíblico, um arqueólogo bíblico bem conhecido, trabalhava lá. E eles disseram, ei, achamos que talvez tenhamos encontrado a cabeça de Petrie.

Você pode saber como ele é? Você consegue reconhecê-lo, consegue identificá-lo? De forma muito, muito dramática, eles tiraram a cabeça do formaldeído, e Petrie olhou para Gibson bem no rosto e um de seus olhos se abriu. E depois de tudo isso, é isso, é o que diz Shimon Gibson, o que me faria correr para as saídas, acho, não sei. Mas, então a cabeça de Petrie foi encontrada agora.

É isso que estou tentando dizer aqui. E ele, novamente, causou um impacto muito, muito duradouro na arqueologia bíblica a partir de suas descobertas em Tell el - Hessi. Chegando ao fim, algumas de nossas últimas pessoas aqui, George Adams Smith, outro anglicano, ou, desculpe-me, pastor e estudioso bíblico escocês, viajaram extensivamente pela Terra Santa e meio que escreveram sobre os ombros de Robinson e Smith, mas escreveram um livro maravilhoso chamado A Geografia Histórica da Terra Santa e usou todas as informações até aquela época e as condensou e, e, e, e escreveu isso.

Foram, eu acho, 26 edições, sendo a última impressa em 1931. Ele teve uma vida meio triste, perdeu, eu acho, o filho ou alguém da família, mas para, para a tragédia. Ele também publicou uma história de Jerusalém em dois volumes e um atlas.

Mas seu trabalho foi, foi muito, muito valioso e continua valioso até hoje. Ironicamente, uma edição anterior de George Adams Smith foi usada pelo General Edmund Allenby, um general britânico que lutou contra os otomanos na Primeira Guerra Mundial e a usou. Ele usou o livro de Smith para guiar suas tropas enquanto elas invadiam a Palestina pelo sul, do Egito e, e capturavam Berseba e, finalmente, Jerusalém e, e o resto do país. Mas sim, aquela cópia daquele livro estava na sede de Allenby.

Ok, mencionei o Fundo de Exploração da Palestina. Houve outras, ainda no século XIX, início do século XX, uma série de instituições arqueológicas nacionais que foram estabelecidas na Terra Santa. E estes foram realmente os quartéis-generais para o estudo da arqueologia bíblica que conhecemos em Israel e na Palestina.

A primeira, claro, é a Escola Arqueológica Americana, agora chamada de Escolas Americanas de Pesquisa Não-Oriental, que foi conhecida por toda a sua história. Recentemente, isso mudou para as Escolas Americanas de Pesquisa no Exterior para serem politicamente corretas. E o Oriente, o Antigo Oriente, era considerado não apenas a Ásia Oriental, mas também a Ásia Ocidental.

E isso na verdade não ajuda em nada a esclarecer isso. É apenas mais politicamente correto. De qualquer forma, em 1900, foi fundada na Cidade Velha e depois construiu uma bela escola fora da Cidade Velha, em Jerusalém Oriental, que permanece até hoje.

E muitos arqueólogos, se você fosse um arqueólogo americano trabalhando na Terra Santa, você, você trabalhava naquela escola, que acabou sendo chamada de Instituto Albright, que hoje leva o nome daquele famoso arqueólogo que mencionamos em um de nossos primeiros slides, William Albright, que foi um dos primeiros diretores. A Escola Britânica foi fundada em 1919. Fica também em Jerusalém Oriental, agora chamada de Instituto Kenyon, novamente em homenagem a um proeminente arqueólogo britânico, sobre o qual falaremos mais tarde.

Os franceses e os alemães. Os franceses têm a École Publique Arqueológico Française , com licença. E que foi fundada em 1890 por Lagranier , novamente, em Jerusalém Oriental, ao norte do Portão de Damasco.

No terreno dessa escola fica a Igreja de Santo Estêvão, uma igreja bizantina que supostamente cobre o local onde Estêvão foi martirizado. E só uma nota rápida sobre a École biblique , cuja biblioteca tive o privilégio de utilizar quando estava fazendo meu mestrado em Israel. Uma das maiores bibliotecas do mundo, senão a maior biblioteca de estudos bíblicos do mundo, está na École biblique .

E se você precisar, eles têm. E é uma biblioteca que não circula, mas passei muitas e muitas horas lá fotocopiando fontes que realmente não estavam disponíveis em nenhum outro lugar. Arqueólogos muito, muito famosos que saíram da École, Pe.

Vincent e Roland de Vaux são os dois mais famosos, outros também. O Instituto Alemão de Arqueologia do Monte das Oliveiras, o Hospital Augusta Victoria é a sua sede. E isso mesmo, é interessante, o Monte das Oliveiras é na verdade uma crista, e o Hospital Augusta Victoria fica bem na bacia hidrográfica.

Você olha pelas janelas para o leste e vê o deserto da Judéia. Você olha pelas janelas para o oeste e vê, é claro, as montanhas ao redor de Jerusalém, as colinas ao redor de Jerusalém e a própria Jerusalém. E foi Albert Dalt quem um dia olhou pelas janelas para o leste e viu os beduínos trazerem seus rebanhos do vale do Jordão em direção às colheitas recém-colhidas nas encostas do Monte das Oliveiras.

E ele percebeu então que esse era o ímpeto de sua ideia de um acordo pacífico para sua compreensão do Livro de Josué. E isso aconteceu ali mesmo no Instituto Alemão. Gustav Dahlmann, um estudioso alemão muito famoso que escreveu uma espécie de história cultural da Terra Santa em vários volumes, que nunca foi traduzida para o inglês.

Alt, claro, e depois Martin Note, um famoso estudioso do Antigo Testamento e, eu diria, um arqueólogo, talvez um arqueólogo de gabinete, mas muito importantes. Agora, a imigração judaica, as ondas de imigração judaica que começaram no final do século XIX e continuaram até o século XX na Terra Santa, e essa comunidade judaica

foi chamada de Yeshuv em hebraico. E eles desenvolveram sua própria sociedade acadêmica chamada Fundo Judaico de Exploração da Palestina em 1913.

Então, eles comemoraram há apenas 10 anos, estamos falando hoje em 2023, e há 10 anos eles comemoraram seu 100º aniversário. E eles estavam, novamente, muito, muito, com uma falta de recursos muito pronunciada. Mas eles se uniram e um de seus alunos tornou-se Ph.D., abandonou uma universidade nos Estados Unidos, LA está lá Sukenik, e ele foi o primeiro arqueólogo treinado e trabalhou por muitos anos dentro e ao redor da Terra Santa e publicou um muito.

Ele foi, principalmente, o pai do famoso arqueólogo israelense Yigal Yadin. Mas outros arqueólogos israelitas cresceram com esta instituição, com esta sociedade. Foi liderado por muitos anos por Joseph Abiram, e essa é a foto dele ali.

Veja as datas dele. Ele morreu com a idade avançada de 107 anos. Na verdade, consegui falar com ele algumas vezes.

Eu estava em Jerusalém em 2009, ainda trabalhando, ele trabalhou na Palestina ou mais tarde na Sociedade de Exploração de Israel, desde 1941. Acho que ele finalmente se aposentou por volta de 2009. Mas ele veio até mim, ele disse, você está querendo comprar alguns livros? Eu disse, sim, você leu minha mente.

Mas ele esteve lá por décadas, décadas e décadas, e finalmente faleceu aos 107 anos no ano passado. Mapa da Palestina e de Jerusalém, e este será o foco do nosso estudo arqueológico, e falaremos mais sobre a arena geográfica em um minuto. Mas esta é a antiga cidade de Jerusalém, e realmente digna de um curso por si só, porque é tão intrincada e complexa em sua história e arqueologia.

Mas essa será a nossa sala de aula aqui neste curso.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 1, Introdução e História da Disciplina de Arqueologia Bíblica, Parte 1.